

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Uma conquista sem santos: a ausência da Igreja na crônica de Ulrico Schmidl

Luis Guilherme Assis Kalil*

Resumo: Análise da crônica de Ulrico Schmidl, soldado bávaro que veio para o Novo Mundo em 1535 na esquadra comandada por Pedro de Mendoza. Em sua "*Viaje al Río de la Plata*" Schmidl ignora a presença dos clérigos católicos e as justificativas religiosas para o contato com os indígenas, apontando a busca por metais preciosos como o objetivo das expedições realizadas. Esse silêncio fica evidente quando sua crônica é comparada com outras obras do período, como as de Alvar Núñez Cabeza de Vaca e Domingo Martínez de Irala, que enfatizam a busca pela "salvação" dos nativos e a influência dos clérigos nas expedições. A ausência da Igreja relaciona-se também com a provável conversão de Schmidl ao protestantismo após sua volta à Europa, tornando-se assim uma forma de criticar os rumos da conquista comandada pelos católicos espanhóis.

Palavras-chave: Rio da Prata, crônicas, conquista.

Abstract:

A conquest without saints: the absence of the Church in the Ulrico Schmidl's chronicle

Analysis of the Ulrico Schmidl's chronicle, bavarian soldier who came to the New World in 1535 at the fleet guided by Pedro de Mendoza. In his "*Viaje al Río de la Plata*", Schmidl ignores the presence of catholic clergymen and the religious justifications for the Indians contact, pointing to the search for precious metals as objective of his expeditions. This silence becomes evident when his chronicle is compared with other sixteenth century works, like Alvar Núñez Cabeza de Vaca e Domingo Martínez de Irala, that emphasizes the search for natives "salvation" and influence of the clergymen in the expeditions. Church's absence is connected also with the probably Schmidl's conversion to the Protestantism after returning to Europe, becoming so a form to critic the ways of the conquest guided by Spanish catholics.

Keywords: River Plate, chronicles, conquest.

Introdução:

Depois de mais de dezesseis anos participando da conquista da região do Rio da Prata o *lansquenete* bávaro Ulrico Schmidl¹, após receber uma carta de seu irmão doente, decidiu retornar à sua terra natal, palco de intensas disputas religiosas no período, onde escreveu suas memórias.

Soldado voluntário que veio para o Novo Mundo em uma embarcação de comerciantes alemães que acompanhavam a expedição do *Adelantado* Pedro de Mendoza, Schmidl participou de diversas expedições realizadas no sul da América (entre outras, uma

* Mestrando em História Cultural pela Unicamp com bolsa concedida pela FAPESP.

¹ Utilizamos a grafia Ulrico Schmidl por ser a forma mais utilizada em língua portuguesa. Grafias diferentes só serão mantidas em citações.

que buscou alcançar o reino das Amazonas e outra que chegou até “*la rica tierra del Perú*”), além da fundação de portos, fortes e povoamentos, como os de Asunción e Buenos Aires – abandonado anos depois devido à escassez de alimentos e ao ataque de quatro grupos indígenas.

Sua obra, escrita em alemão, mas mais conhecida pelo título em espanhol *Viaje al Río de la Plata*, aborda apenas os anos que o autor passou no Novo Mundo (desde sua saída da Europa no final de 1535 até seu retorno, partindo de São Vicente, em 1553) e descreve uma série de povoamentos indígenas com que teve contato em suas expedições, além do canibalismo praticado por alguns grupos nativos e pelos espanhóis durante a frustrada primeira fundação de Buenos Aires.

A primeira edição da crônica foi lançada em 1567, seguida por várias outras nos últimos anos do século XVI (editadas por Levinus Hulsius e Theodore de Bry). Entretanto, não se sabe ao certo quando a obra foi escrita. Muitos autores, como Bartolomé Mitre e Joahannes Mondschein (biógrafo do cronista), indicam que Schmidl a escreveu após sua conversão ao protestantismo, que resultou em sua expulsão da cidade de Straubing e seu estabelecimento em Regensburg. Outros autores discordam dessa conversão, entre eles Edmundo Wernicke, para quem Schmidl foi “*bién católico como todos los conquistadores*” (SCHMIDEL, 1938: 19), apontando como argumento principal a existência de cruzes nas páginas de um dos manuscritos da obra². Contudo, a análise da crônica dá indicações de que o autor teria se convertido ao protestantismo e que essa mudança influenciou sua escrita em vários aspectos, como nas descrições dos costumes indígenas e na presença de clérigos no Novo Mundo.

O silêncio sobre os clérigos e as justificativas religiosas:

Em sua *Viaje al Río de la Plata*, Schmidl praticamente exclui as justificativas religiosas e a presença de clérigos nas expedições realizadas no Novo Mundo. Ao descrever a divisão dos europeus que estavam em Buenos Aires, o autor afirma que “*se repartió toda la gente; la que era para la guerra se empleó en la guerra; y la que era para el trabajo se empleó en el trabajo*” (SCHMIDEL, 1938: 48). Percebe-se nesse trecho que ou Schmidl inclui os religiosos em uma das categorias – sem deixar isso evidente em seu texto – ou os exclui totalmente.

² Há dúvidas a respeito de qual seria o manuscrito original (atualmente são conhecidos três com mudanças significativas de conteúdo entre si).

Em toda a crônica só há duas passagens que citam clérigos: na decisão de se condenar à morte o líder dos índios Timbús e na transmissão do governo para Alvar Núñez Cabeza de Vaca. As duas ações são muito criticadas por Schmidl. Como exemplo podemos citar a passagem em que os religiosos confirmam os documentos do novo governador, onde o cronista aponta que “*tal cosa no pudo sacar en limpio el común, pero los clérigos y dos o tres capitanes hicieran que él mandara*” (SCHMIDEL, 1938: 99).

Nas poucas vezes que o cronista os cita, ele os denomina apenas como “*sacerdotes*” ou “*clérigos*”. Não há menção a nenhum nome próprio, o que traz a idéia de generalização, como se todos os religiosos agissem da mesma forma. Fato este melhor compreendido quando se percebe que as citações de clérigos estão ligadas ao governo e aos aliados de Cabeza de Vaca, que são duramente criticados por Schmidl em toda a obra: “*Si él [Vaca] hubiere muerto ya en ese tiempo, no se hubiere perdido mucho con esto pues él se porto de tal modo con la gente de guerra, que nosotros no dijimos mucha cosa buena de él*” (SCHMIDEL, 1938: 121). Com isso, percebe-se que essas passagens são incluídas sempre em tom de crítica e, dessa forma, esclarece-se o fato de Schmidl excluir religiosos que atuaram na prisão e expulsão de Vaca (como os freis Bernaldo de Armenta e Alonso Lebrón), passando a imagem de que o clero apoiou exclusivamente o governador expulso.

É importante ressaltar que, apesar da região do Rio da Prata na primeira metade do século XVI não ter sido um destino muito recorrente dos clérigos que se dirigiam ao Novo Mundo, outros documentos do período mostram a atuação de vários deles na região, além da construção de igrejas (como as quatro incendiadas em um ataque indígena a Asunción – o que Schmidl também omite). Como exemplo podemos citar a *Carta al Emperador don Carlos* do clérigo Martín Gonzalez, a carta do soldado Antônio Rodrigues (escrita em 1553, após sua entrada na Companhia de Jesus, descreve a bem sucedida ação do padre Nuno Gabriel entre os Carijós) endereçada aos “irmãos de Coimbra”, e a “*Memoria de la gente quel dia de oy se tiene por ser y son bibos en las provincias de los ríos de la Plata, Paraguay y Paraná*”, que indica a presença de vários clérigos (LAFUENTE MACHAÍN, 1939: 525 – 534).

A comparação com outros textos do período aponta para outro aspecto também “silenciado” por Schmidl em sua crônica. Ao descrever as expedições ao interior do continente, autores como Domingo Martínez de Irala (governador da região após a partida de Pedro de Mendoza e a morte de seu sucessor) e Cabeza de Vaca sempre enfatizam que elas se realizavam para o benefício de “*Dios y de Su Majestad*”. Já Schmidl em nenhum momento indica justificativas religiosas, apontando a busca por metais preciosos como a única finalidade das “*entradas*”: quando chegaram aos Jerús “*el rey preguntó a nuestro capitán*

sobre nuestro deseo e intención; entonces nuestro capitán contesto al rey de los Jerús que él queria buscar oro y plata”; quando falta água o autor afirma que os homens esqueceram os objetivos da expedição e “*no se preocupaba ni por oro ni plata ni por comida ni por otros bienes más, sinó por el agua*” (SCHMIDEL, 1938: 113 e 147).

A ligação entre o silêncio sobre os aspectos religiosos e a crítica à ação dos católicos espanhóis na América torna-se mais evidente nas descrições que o autor faz sobre a antropofagia praticada pelos espanhóis e os costumes dos nativos. As passagens a respeito do canibalismo indígena se atêm mais aos aspectos rituais – e não à ingestão dos corpos humanos – e incluem comparações com elementos alemães, como suas Igrejas, casamentos e festas: “... *y como se ceban los chanchos en Alemania, así ceban ellos á los prisioneros (...) la matan y se la comen [prisioneira], y con ella hacen fiesta solemne, ó como si fuese para una boda*” (SCHMIDL, 1903: 172); ao narrar como os Yapurús e Batataés guerreavam, afirma que eles decepavam as cabeças dos inimigos, retiravam o crânio, secavam a pele e “*coloca él esta piel sobre una vara delante de su casa o donde él habite, para recuerdo, como aquí en esta tierra se acostumbra que los alféreces u otros hombres de guerra que tienen un pendón lo colocan en la iglesia*” (SCHMIDEL, 1938: 128). Para François Hartog essas comparações visam aproximar situações distantes, tornando assim o canibalismo indígena algo, de certa forma, menos “bárbaro” e mais próximo de seus leitores (HARTOG, 1999: 242).

A esse respeito é interessante a comparação da crônica de Schmidl com a do também “alemão” Hans Staden. Na descrição de suas duas viagens ao Novo Mundo, Staden faz inúmeras comparações entre os costumes, a flora e a fauna americana com sua terra natal: aproxima a crença indígena de que uma embarcação salvou seus antepassados com o dilúvio bíblico, compara os veados da América com os de Hésia, os morcegos “maiores do que aqui na Alemanha”, entre outras (STADEN, 1974: 174; 189; 193). Entretanto, ao descrever o canibalismo praticado pelos Tupinambás essas comparações cessam. Não há como comparar esse “costume bárbaro” – que, segundo o autor, é fruto da hostilidade e do ódio e não da fome (STADEN, 1974: 176) – com os dos europeus.

Já na descrição da antropofagia praticada por espanhóis em Buenos Aires, Schmidl não tenta minimizar ou aproximar a prática a elementos alemães: o autor aponta que três soldados foram enforcados por terem matado e comido um cavalo e que, na noite após as execuções, outros espanhóis cortaram pedaços dos corpos dos condenados para se alimentarem; aponta também que outro soldado espanhol comeu o cadáver de seu próprio irmão e termina afirmando que “*esto ha sucedido en el año de 1535 en nuestro día de Corpus Cristi*” (SCHMIDEL, 1938: 48 – 50). Nesse trecho de sua obra, diferentemente de grande

parte da crônica, o autor não se inclui entre os espanhóis, descreve apenas como observador e não como um dos integrantes da expedição.

Fica evidente na comparação das duas descrições a idéia de que os pecados (no caso a antropofagia) são muito mais graves para aqueles que já têm conhecimento do que aos ignorantes índios. Por esse motivo Schmidl chega até em alguns momentos a tratar o canibalismo indígena com certa “naturalidade”, apenas citando que os nativos comeram alguns prisioneiros, sem descrições ou repreensões.

É interessante observar que o ocorrido em Buenos Aires, que acabou sendo usado como “munição” para os protestantes criticarem o comportamento espanhol na América, chegou ao conhecimento da Corte espanhola. O que fez o “*cronista mayor*” Antonio de Herrera y Tordesillas, em sua *Historia General*, ressaltar que foram enviados seis franciscanos à região, além de tentar mostrar que o ocorrido era algo atípico, porém justificável (a fome extrema os “*havia forzado*” a comer carne humana), e que levou os soldados a deixarem de agir como cristãos e passarem a viver como “*alarbes*”:

“... por que se entendió que la extrema hambre que aquellos Castellanos habían padecido, los havia forzado á comer carne humana, i que por temor de ser castigados se andaban entre los Indios, viviendo como Alarbes, el Rey los perdonó, i mandó, que los recibiesen sin castigarlos por ello, teniéndolo por menor inconveniente, atenta la gran hambre, que á ellos los necesitó, que pasasen la vida sin oír los Divinos Oficios, ni hacer obras de Christianos.” (HERRERA Y TORDESILLAS, 1946: 303)

O uso de descrições de antropofagia como base, ou pretexto, para a crítica a outros grupos não é um procedimento exclusivo da crônica de Schmidl. Ronald Raminelli afirma que “atenuar o canibalismo índio servia como arma contra os católicos espanhóis” (RAMINELLI, 1996: 49). Já o oposto – ressaltar a antropofagia – também era procedimento comum tanto para católicos como para protestantes. Manuela Carneiro da Cunha afirma que o canibalismo no século XVI é um tema quase obsessivo e que serviu de “operador” para as grandes cisões do século. Segundo a autora: “Os casos de antropofagia alimentar e de crueldades inauditas durante as guerras de religião, na França ou na conquista espanhola das Américas, são rememorados acusatoriamente por católicos e protestantes. De um lado como de outro, publicam-se cenas de esquartejamento e suplícios” (CUNHA, 1990: 108)³. Como exemplo desse procedimento podemos citar dois clérigos católicos: o franciscano Pedro de Aguado e o jesuíta Giovanni Botero. Aguado, quando vai criticar os espanhóis que acompanharam os alemães na Venezuela, introduz em sua narrativa várias passagens que

³ Peter Burke afirma que na França do século XVI católicos e protestantes se acusavam mutuamente de praticarem canibalismo. (BURKE, 1989: 193).

apontam para o barbarismo dos espanhóis onde o tema mais recorrente é o canibalismo (BORJA GÓMEZ, 2002: 88); Laura de Mello e Souza ao analisar a obra de Botero afirma que para o jesuíta a antropofagia é mais um emblema do que uma preocupação efetiva:

“... as considerações sobre o Brasil não passam de pretexto para que o propagandista da fé católica exercite seu poder de fogo, exaltando os méritos e imprescindibilidade das missões enquanto põe a nu os horrores da Reforma, aproximando seus agentes dos gentios bárbaros que, do outro lado do Atlântico, teimam em comer carne humana” (SOUZA, 1993: 64).

Tanto o uso da antropofagia espanhola como pretexto para críticas aos católicos espanhóis quanto o “vazio religioso” descrito pelo cronista, quando apresentado para leitores protestantes, podia ser interpretado como um incentivo à colonização. Incentivo este que foi muito reforçado através das ilustrações que Theodore de Bry fez para suas edições da crônica de Schmidl (1597 e 1599)⁴. Nelas, os indígenas são representados como seres inocentes que recepcionavam festivamente as expedições para serem torturados e cruelmente mortos logo depois pelos espanhóis antropófagos. A esse respeito Ronald Raminelli afirma que “... entre os protestantes, os valores atribuídos aos ‘selvagens’ possuíam um forte apelo colonialista, pois enfatizavam a inocência dos nativos para denunciar as atrocidades perpetradas pelos ibéricos no Novo Mundo”. (RAMINELLI, 1996: 17).

Com isso, pode-se concluir que o silêncio sobre os aspectos religiosos na crônica não impede que ela exerça uma grande influência em sua construção. Pelo contrário. A análise da obra de Schmidl indica que foi justamente sua conversão ao protestantismo que o levou a omitir a presença religiosa no Novo Mundo.

Fontes:

SCHMIDEL, Ulrich. *Derrotero y viaje a España y las Indias*. Santa Fé: Editora Universidad Nacional del Litoral, 1938.

SCHMIDL, Ulrico. *Viaje al Río de la Plata*. Notas biográficas y bibliográficas por Bartolomé Mitre – traducción de Samuel Lafone Quevedo. Buenos Aires: Editora Cabaut, 1903.

STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; Edusp, 1974.

⁴ “De Bry did not handle his material neutrally, he sought previously published works that he could translate and then illustrate in the service of a protestant vision.” (CONLEY, 1992: 104)

Bibliografia:

BORJA GÓMEZ, Jaime Humberto. *Los Indios Medievales de Fray Pedro de Aguado: construcción del idólatra y escritura de la historia de una crónica del siglo XVI*. Bogotá: CEJA, 2002.

BURKE, Peter *Cultura Popular na Idade Moderna Europa 1500 – 1800*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

CONLEY, Tom. *De Bry's Las Casas* IN **JARA**, René & **SPADACCINI**, Nicholas (editors) "Amerindian Images and the Legacy of Columbus". Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. pp. 103 – 131.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Imagens de Índios do Brasil: o Século XVI* IN USP –Estudo Avançados 4/10 – set./dez. 1990. pp. 91 – 110.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto – ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Historia General de los hechos de los castellanos en las islas, y tierra-firme de el Mar Oceano*. Volume VII. Asunción: Editorial Guaranía, 1946.

LAFUENTE MACHAÍN, R. de. *El Gobernador Domingo Martínez de Irala*. Buenos Aires: Editora La Facultad, 1939.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.

SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno Atlântico – demonologia e colonização Séculos XVI – XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.